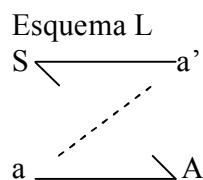


CONSIDERAÇÕES SOBRE UM TEMA DE CLARICE LISPECTOR

Everaldo Soares Junior



S (A)

S¹ —————> S²

O tema é o conto *A Solução*, que encontrei no livro *A Legião Estrangeira*. Quando eu comecei a pensar sobre esse trabalho, esses matemas acima me vinham sempre à cabeça, desde a primeira leitura do conto, como também da leitura de alguns trechos e algumas frases de três romances de Clarice: *A Hora da Estrela*, *A Paixão Segundo GH* e, sobretudo, *Água Viva*, que os críticos chamam de um meta-romance.

Essas preocupações me fizeram lembrar desses matemas lacianos, do esquema L. O que vai me interessar do esquema L é o eixo imaginário a – a', lugar do narcisismo, lugar da construção de imagens, de significações; lugar de revelação de amor. Nesse eixo pode caber apenas uma significação ou apenas um signo que representa algo para alguém, ocupando todo o espaço.

O S (A) me fez pensar que o grande Outro (A) é lugar da falta e da palavra. A falta como o lugar sem compreensibilidades e a palavra, não uma palavra qualquer, mas uma palavra que só é igual a si mesma e que se remete a outras palavras através de saltos, formando novas significações.

O S¹ —————> S², eu pensei no S² como o Sn, a linguagem inconsciente. A perda em S¹ faz uma produção nessa cadeia de significantes, levando a um novo laço social, um laço que é antes de tudo linguagem.

Bom, foram as primeiras preocupações que me vieram quando comecei a pensar sobre esse trabalho. A leitura dos textos de Clarice leva-me a uma posição de leitor com o mínimo possível de idéias preconcebidas ou predeterminadas, mas palavras encadeadas, linhas e entrelinhas onde aproveito e faço uma viagem acompanhando a autora na construção de suas personagens, dos seus objetos e dos seus acontecimentos. Mas, sobre a palavra, Clarice diz assim no texto de *Água Viva*: “a palavra é como uma isca que pesca o que não é palavra”. Aí se faz o escrito, “o que não é palavra é incorporado à palavra”, há um encadeamento a partir de uma lógica de articulação e Clarice vai dizer: “é uma festa de palavras”. Nessa festa de palavras, há uma estranheza e surpresas. Sobre a estranheza ela fala assim: “o estranho da pintura é a pintura, o estranho da palavra é o sentido, o estranho da vida é o começo. O sentido, não enquanto significado, mas o sentido enquanto um vetor, já que essa palavra é diferente porque só é igual a si mesma”. Num eixo diacrônico, num espaço de tempo, Clarice constrói histórias curtas, contos, com sua palavra concisa e precisa. Seu tema é sempre o “em redor de si mesma”, é o *umwelt* que

1

Lacan fala no *Seminário 2*. Esses objetos, esses acontecimentos quotidianos, as coisas, fazem parte do seu ato de escrever, escrita que questiona a linguagem, que faz repercussões nessa linguagem, não pelo que está simbolizado, mas por aquela inscrição, aquela inscrição que do signo leva ao significante enquanto diferente, cortando o gozo do outro e aí fazendo uma cadeia onde o sujeito inconsciente é representado de significante para significante.

Bom, vamos ao conto. Eu dividi esse conto em três momentos: **a veemência, o instante e o laço**. O conto fala de um flagrante na vida de duas mulheres que são datilógrafas, trabalham no mesmo lugar: **Almira e Alice**. Almira engordara, tinha o rosto amarelecido, o nariz brilhoso, sempre aflita e ávida de alimento, sua principal comunicação com o mundo. Alice tinha o rosto oval, uma pele aveludada. Almira era muito sensível, diz a escritora, sensível e volumosa como os elefantes, mesmo nas suas patas grossas. Almira, diante de uma injustiça atribuída a ela, um chocolate na boca se tornava amargo, uma palavra, não bem dita, perturbava o seu sono. Almira dizia com bastante ênfase a seguinte frase: “Alice é a minha melhor amiga”. Alice escutava displicentemente, não correspondia, mas também não contradizia, e, com ar de sonhadora, às vezes sorria no ato de datilografar. Essa sua postura aumentava a **veemência** de Almira: “Alice é a minha melhor amiga”. Uma significação no eixo a – a’ preenchendo esse espaço vazio, uma significação única, monocórdia, que não se remete a outras significações, toma todo o espaço. Na verdade, a realidade vivida não tinha atributos, invenções, para que essa ênfase se fizesse. Elas trabalhavam no mesmo lugar, eram datilógrafas, tomavam lanche juntas. No final do expediente, esperavam o ônibus na mesma fila e Almira a pajear Alice: “Você viu o programa de ópera da Rádio Ministério da Cultura?” Alice com ar sonhador se deixava pajear. A frase “Alice é (Clarice Lispector vai dizer que a palavra mais importante do idioma só tem uma letra: o é), é a minha melhor amiga” designa esse signo que fixa, que não se remete a outros signos porque não é possível e simboliza o gozo do outro. E a letra? Poderemos entender a letra de outra forma, como uma articulação lógica de um significante a outro significante, a materialidade mínima, uma lógica do inconsciente, constante, que aos saltos se remete a outro significante produzindo significações e o sujeito do significante. A **veemência** é: “Alice é a minha melhor amiga”.

Bom, **o instante**: Almira chega ao trabalho ainda mastigando um pedaço de pão, não encontra Alice no seu lugar e a sua aflição começa. Uma hora depois chega Alice, abatida e com os olhos avermelhados. Almira pergunta o que houve, Alice não responde. Almira insiste, já bastante aflita. Alice não responde. Passa-se o tempo, chega a hora do almoço e Almira convida Alice para almoçar, claro que ela, Almira, pagaria. Na hora do almoço acontece o fato, um instante, um instante que não traz nenhuma compreensibilidade, um instante do não entendimento. Almira com a comida na boca e Alice com as feições abatidas. Almira pergunta e Alice diz: “Você quer mesmo saber, sua gorda metida na vida dos outros?” (nesse momento, diz Clarice que Almira engordou mais ainda), “Pois bem, sua gorda, você vai saber: Zequinha, sua chata, Zequinha foi embora pra Porto Alegre e não mais vai voltar”. Não há mais palavras, nem de Alice, nem de Almira. Nesse instante, o desentendimento acontece e Clarice diz que Almira, como se fosse uma magra, pega o garfo e enfia no pescoço de Alice. O silêncio se instala. O que se fala desse instante sai dos jornais, as pessoas que estavam no restaurante se levantaram de uma só vez e algumas que as conheciam, diziam: “bem que eu pensava que naquela amizade tinha dente de

coelho”; outras, mais próximas aos familiares, lembravam que Dona Altamiranda, a avó de Almira, era uma mulher muito esquisita. Mas esse momento é imóvel, faz-se uma tragédia: Alice e Almira. Almira olha o chão e nem mesmo vê o sangue da outra. Almira é presa em flagrante e Alice vai para o hospital.

Na cena seguinte, Almira está na cadeia, na prisão. Alice sai do hospital com os olhos arregalados e o curativo no pescoço. Nesse momento, que me parece um **laço**, um novo laço, a autora é concisa e até mesmo muito econômica em palavras, talvez deixando as construções para o leitor. Almira docilmente fica alegre na prisão, às vezes melancólica, mas muitas vezes alegre mesmo; faz graças, é engraçada com as companheiras. Almira agora tem companheiras, as guardiãs do presídio de vez em quando entregam para Almira uma barra de chocolate – como os elefantes do circo que recebem barra de chocolate após o espetáculo.

Quando comecei a escrever esse texto perguntei-me o que buscava na leitura e na escrita, se buscava uma compreensibilidade, se buscava um entendimento. Do entendimento não se encontra, mas da busca sim. A busca faz um trilhamento e Clarice diz no romance *Água Viva*: “A *incompreensão é minha liberdade dos entendimentos, a incompreensibilidade; não vivo uma realidade, vivo uma irrealidade*”. Falando ainda ela diz: “*uma música tocada, pra onde vai? As palavras escritas, pra onde elas vão?*”. Clarice faz analogia com a música. Seu texto, pela sua estranheza, pela sua surpresa, pela criação bem próxima de uma nova estética, de uma estética a partir do diferente, a partir do que é próprio e o “em redor de si mesma” é o seu material. Lembrei-me aqui do Traço, na palestra do Donald Schüler, há algum tempo atrás, sobre filosofia heraclitiana. Dizia Donald que a filosofia brasileira está nos romances, aquele que toma a sua língua, o ao redor de si mesmo, os acontecimentos, o objeto e as coisas e daí faz uma reflexão e uma escrita, certamente está produzindo algo que é bastante próprio, diferente de uma macaqueação imitativa dos outros. Bom, a Clarice me parece mais próxima do sujeito do inconsciente do que de uma reflexão ou de um pensamento filosófico.

Recife, 29 de maio de 2004 – Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

A veemência – “Alice é a minha melhor amiga”. **O instante** – “Almira, como se fosse uma magra, pega o garfo e enfia no pescoço de Alice”. **O laço** – “Almira agora tem companheiras, as guardiãs do presídio de vez em quando entregam para Almira uma barra de chocolate – como os elefantes do circo que recebem barra de chocolate após o espetáculo”.